UFMG

Boletim

Nº 2.013 - Ano 44 - 16 de abril de 2018

Foca Lisboa/UFMG

O LEGADO DE FREI VELLOZO

Com base em minucioso trabalho de recuperação de dados e imagens, estudo de professora da UFMG atualizou e organizou informações referentes a mais de 300 plantas úteis e medicinais descritas no século 18 pelo frei Mariano da Conceição Vellozo, pioneiro da botânica brasileira.

Páginas 4 e 5

Núcleo de História Oral volta a 1968 em série de entrevistas públicas

Página 3

A capeba, uma planta alimentícia não convencional, foi citada por Vellozo como aperiente, isto é, que abre o apetite. Hoje, tem efeito confirmado para tratamento de problemas no fígado

FAKE NEWS e os desafios da **DESORDEM** informacional*

Virgilio Almeida**, Danilo Doneda*** e Ronaldo Lemos****

O vídeo chama a atenção. Michelle Obama, ex-primeira dama dos Estados Unidos, veste uma blusa decotada, sorri e começa a se despir para a câmera. Parece real, mas não é; trata-se de exemplo de *deep fake* (falsificação profunda), produzida com auxílio de inteligência artificial. O leigo talvez demore a aceitar que aquelas imagens não são verdadeiras e não foram filmadas, mas sintetizadas digitalmente. Pode-se aplicar o rosto de alguém em cenas de sexo ou em qualquer situação comprometedora. O mesmo vale para a voz. Com amostras da fala de uma pessoa, um software a faz dizer qualquer coisa, com timbre, cadência e entonação próximos da perfeição. Ou seja, a divulgação de textos com conteúdo de algum modo mentiroso representa apenas o começo do fenômeno das fake news. O próximo passo parece ser a era das *deep fake news*. Será cada vez mais difícil separar a realidade da manipulação digital.

Os fatores por trás da desinformação são diversos. Vão da simples negligência (como a disseminação de boatos ou matérias jornalísticas mal-apuradas) à busca de vantagens políticas ou financeiras, passando pela tentativa de destruir reputações. Levando em conta essas gradações, o Conselho da Europa classificou as *fake news* em três categorias dentro de um quadro maior que chamou de desordem informacional, um conceito relevante por abranger diversas nuances da manipulação. Uma delas é a desinformação (*disinformation*), que consiste em notícias falsas deliberadamente criadas e espalhadas para prejudicar uma pessoa, um grupo social, uma organização ou um país. Outra é a notícia falsa propriamente dita (*misinformation*), compartilhada por uma pessoa desavisada que a princípio não tinha a intenção de prejudicar alguém. Por fim, o que chamou de *mal-information* (má informação), notícias que, embora tenham bases reais, são editadas e disseminadas com a finalidade de causar danos.

Essas categorias poderiam descrever o fenômeno das notícias falsas em qualquer período da história, mas dois elementos fundamentais são específicos da atualidade: a velocidade com que as notícias falsas se espalham e sua capilaridade. Plataformas como Facebook, Twitter, Google e YouTube, entre outras, têm, ao menos no Ocidente, alcance global instantâneo. A combinação dessa arquitetura com embates políticos nacionais, disputas geopolíticas globais e modelos de negócio baseados em publicidade comportamental criou as condições para que se aprofundasse o fenômeno da desordem informacional.

A batalha contra a desordem informacional será travada, sobretudo, em dois campos: ciência e tecnologia, de um lado, direito e regulação, de outro. A ciência vem tendo papel importante. Estudos publicados na revista Science comprovam, por exemplo, que as notícias falsas circulam muito mais depressa e de maneira mais abrangente do que as verdadeiras. Verifica-se também que a disseminação de notícias falsas está ligada à polarização política da mensagem.

Grupos que se interessam pela promoção da desordem informacional já perceberam as propriedades dos algoritmos nas plataformas. Também perceberam que é possível direcionar conteúdo para públicos específicos. A coleta de dados de usuários da internet possibilita determinar, com precisão, as suscetibilidades a vários tipos de mensagem, conforme mostra o recente caso do Facebook e da empresa Cambridge Analytica. Como esse tipo de iniciativa depende de informações pessoais de boa qualidade e em abundância, o controle efetivo desses dados por parte do usuário é fundamental no combate às *fake news*. Ao que tudo indica, nas recentes eleições da França, da Alemanha e da Itália, a desordem informacional foi quantitativamente menor e menos eficaz porque esses países contam com regras que dificultam a coleta de dados pessoais. Medidas restritivas nesse campo passarão a valer em toda a União Europeia a partir de maio, quando entrará em vigor o seu Regulamento Geral de Proteção de Dados. No Brasil, debate-se há anos a promulgação de uma Lei Geral sobre Proteção de Dados Pessoais, cujos projetos estão na Câmara e no Senado.

O caminho que nos parece mais promissor para combater a desordem informacional é a abordagem multidimensional proposta em recente relatório de um grupo de especialistas designado pela Comissão Europeia. Essa proposta enfatiza as seguintes linhas de atuação:

i) obter maior transparência na divulgação de notícias on-line, inclusive em relação a como os dados pessoais são usados para direcionar informações aos leitores;

ii) promover competências em educação para a mídia (*media literacy*), a fim de auxiliar usuários a navegar num mundo com superabundância de informação;

iii) desenvolver instrumentos e ferramentas para que jornalistas, aliados a cidadãos, possam combater a desinformação;

iv) impulsionar a diversidade e a sustentabilidade dos meios de comunicação;

v) estimular estudos continuados sobre o impacto da desordem informacional, tratando deles com análises científicas.

O fenômeno das *fake news*, em síntese, é uma oportunidade de discutir o que deu errado com a internet. Nos anos 1990 e 2000, a rede era vista como força de democratização e melhoria das condições planetárias, mas, nesta década, começa a prevalecer a percepção dos aspectos distópicos. Sem perceber, estamos discutindo um novo equilíbrio para o ecossistema da informação. Para isso, é necessário um debate público constante e a participação ativa e consequente de todos os atores da sociedade. A única forma de combater a pervasividade da desordem informacional será pela construção de um novo contrato social para a informação.

* Versão reduzida de artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, Caderno Ilustríssima, em 8/4/2018

** Professor associado ao Berkman Klein Center, na Universidade de Harvard. Aposentou-se em 2017 como professor titular do DCC/UFMG

*** Doutor em Direito Civil pela Uerj, é professor no Instituto de Direito Público (IDP) e especialista em privacidade e proteção de dados

**** Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS Rio), professor da Universidade de Columbia e colunista da Folha de S. Paulo

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Ano **MÍTICO** em memórias **ÍNTIMAS**

Núcleo de História Oral realiza entrevistas públicas sobre 1968, com personagens de diferentes lugares sociais e políticos

Itamar Rigueira Jr.

Se o mítico ano de 1968 não terminou, como há três décadas assegurou o jornalista Zuenir Ventura, faz todo o sentido que se volte a ele 50 anos depois. E é justamente o que pretende o Núcleo de História Oral (NHO) da UFMG, que programou para este ano série de entrevistas públicas com personagens que viveram aquele ano de diferentes lugares sociais e políticos, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Em sete sessões mensais, pesquisadores do grupo e convidados pretendem conduzir conversas com, entre outros, o professor aposentado da Faculdade de Medicina da UFMG Jota Dangelo, homem de teatro que enfrentou a censura a espetáculos, o militante estudantil Marco Antonio Meyer e o servidor da UFMG Irani Campos, demitido pelo regime ditatorial. Os outros entrevistados, que ainda serão definidos, levarão à pauta o movimento operário, as relações entre gênero e militância e a visão de personagens não engajados. A série será inaugurada nesta quarta, 18 de abril, às 19h, na sala do Núcleo (1035), na Fafich.

Um dos objetivos do projeto é deslocar a abordagem das memórias sobre 1968 do Rio, de São Paulo e Brasília para a área de Belo Horizonte. "Há muito poucas pesquisas sobre a história regional vinculada àquele momento que trate de lugares de sociabilidade, grupos e sujeitos políticos, engajados ou não", explica a professora Miriam Hermeto, coordenadora do Núcleo de História Oral, sediado na Fafich. Segundo Miriam, o trabalho do grupo é baseado no movimento de levar a público algo que é privado, as memórias, por meio da constituição de um acervo documental. E as entrevistas públicas transformam o ato do registro em novo momento de publicização e debate.

Memórias não narradas

O ano de 1968 foi de sonhos e frustrações: repressão a estudantes e operários no famoso maio francês, massacre de civis no México, assassinato do líder antirracismo norte-americano Martin Luther King, sufocamento da Primavera de Praga. Ainda antes de tudo isso, no Brasil, cem mil pessoas haviam marchado em protesto contra o assassinato do estudante secundarista Edson Luís e as arbitrariedades dos militares no poder. Em dezembro, o regime decretou o Ato Institucional nº 5 (AI-5).

"Estamos interessados não apenas em 1968, mas também no contexto amplo e no que as pessoas entendem ser tudo aquilo. Nosso entendimento é diferente sobre quem são os sujeitos, por isso incluímos pessoas que não são normalmente chamadas a falar do assunto. Há um conjunto de experiências que transcendem o mito, memórias subterrâneas, emudecidas, não narradas, que não são incorporadas pela historiografia", afirma o doutorando em História Gabriel Amato, integrante do Núcleo.

Miriam Hermeto acrescenta que a história oral se faz da análise de memórias e representações sobre a história vivida. "E isso também depende do presente. Lembrar de 68 é diferente sob o impacto de eventos recentes, como o impeachment de Dilma [*Rousseff*] e a prisão de Lula", diz a professora. Ela informa que a entrevista pública foi criada pelo pesquisador de história oral Ricardo Santhiago, hoje na Universidade Federal de São Paulo. Em 2009, ele realizou "metaentrevista pública" com Adyel Silva, que tratou da experiência da cantora em narrar sua vida para um pesquisador de história oral.

Censura no palco

Na primeira entrevista da série, Jota Dangelo será interrogado sobre sua experiência no Teatro Experimental, grupo que foi referência na cena cultural de Belo Horizonte nas décadas de 1960 e 70. Depois do sucesso do espetáculo *Oh oh oh Minas Gerais*, de 1967, que percorreu o país, o grupo montou *Numancia*, adaptada de texto de Miguel de Cervantes, que fazia alusão à situação do Brasil sob a ditadura. Dirigida por Amir Haddad, a peça foi proibida pelo AI-5, o que acabou resultando na falência financeira do grupo.

"Os movimentos de resistência estavam exacerbados. Aqui perto de nós, a Faculdade de Medicina, que havia sido tomada pelos estudantes, foi invadida pela polícia, e alguns alunos e professores chegaram a ser presos por algumas horas", relembra Jota Dangelo, que conciliava a docência na área de cardiologia com a direção e atuação nos espetáculos.

A doutoranda Carolina Dellamore, que vai conduzir a entrevista sobre o movimento grevista dos metalúrgicos de Contagem, em abril de 1968, enfatiza que é importante conhecer a "memória heroica", mas também o que aconteceu antes e depois, "outras formas de resistência, silenciadas pelos grandes eventos, e outras formas de ser trabalhador naquele período".

A situação nas universidades será o foco da entrevista conduzida pelo professor Rodrigo Patto Sá Motta, do Departamento de História. Para ele, o contexto atual chama a atenção para o AI-5 e seu impacto na história brasileira. "Pensar sobre 1968 no Brasil nos estimula a refletir a respeito dos agentes autoritários e suas motivações para atacar as instituições democráticas, o que é fundamental no atual cenário político, em que as instituições são golpeadas a todo momento".

As entrevistas públicas, que reunirão até 30 pessoas (inscrições pelo e-mail nho.ufmg@gmail.com), terão seu conteúdo publicado em vídeo e, possivelmente, em livro.



Mauro Sérvulo

Cena de *Numancia,* espetáculo de Jota Dangelo proibido pela ditadura

OBRA revisitada

Professora da UFMG atualiza informações sobre plantas descritas por pioneiro da botânica brasileira

Ana Rita Araújo

Quase duas mil espécies vegetais encontradas nas matas brasileiras do século 18 e descritas na primeira obra de botânica do país foram revisadas em minucioso trabalho de recuperação de dados e imagens. Com base em material organizado à época pelo frei Mariano da Conceição Vellozo, a professora Maria das Graças Lins Brandão, da UFMG, identificou 371 plantas úteis e medicinais, cujas informações, atualizadas e organizadas, serão reunidas em livro.

Projeto selecionado na primeira edição do Programa Professor Residente no Campus Cultural UFMG em Tiradentes, o trabalho gerou diversas atividades com professores e alunos das redes públicas da região, onde nasceu Frei Vellozo (1742-1811). A busca por maior inserção da Universidade na comunidade local é uma das características do Programa, que recebe inscrições até 21 de maio para a segunda edição (*https://bit.ly/2IAKZzt*).

"A execução desse projeto possibilita a recuperação e a divulgação de dados e imagens de espécies descritas por Frei Vellozo, até então desconhecidas e sem a devida interpretação", afirma a pesquisadora. Ela ressalta que, além de ampliar o conhecimento sobre a riqueza da biodiversidade brasileira, da vegetação local e de suas tradições, o projeto contribui para que a população veja a ciência "como o melhor instrumento de valorização e valoração das plantas".

Espécies resilientes

Carqueja, pimenta rosa e ora-pro-nobis são algumas das 1.639 espécies vegetais reunidas por Frei Vellozo, em 1790, nos 11 volumes da *Florae Fluminensis*. "O conhecimento popular sobre muitas outras plantas descritas na obra, como a congonha e a língua de tucano, foi esquecido", lamenta a pesquisadora. Algumas são bastante conhecidas e usadas ainda nos dias de hoje, como *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Bidens pilosa* (picão preto) e o *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra). "A capeba (*Piper umbellatum L.*, família Piperaceae), por exemplo, que hoje é considerada uma panc [*planta alimentícia não convencional*], foi citada por Vellozo como aperiente, isto é, que abre o apetite", comenta Maria das Graças. Atualmente é bastante estudada e tem efeito confirmado para tratamento de problemas hepáticos.

A espécie *Petiveria alliacea* L., da família Phytolaccaceae, é conhecida como pipi, nome atribuído por Vellozo. Exala forte cheiro de alho e já foi usada como tempero. Na obra *Florae Fluminensis*, o autor diz que a planta "tem odor forte, principalmente as raízes", e informa: "as pessoas do interior e os africanos a usam como remédio". Já a *Piper aduncum* L., da família Piperaceae, foi descrita assim pelo botânico: "pimenta chamada apertar-ruão porque é adstringente e usada pelas mulheres para voltar a ter a sensação de virgindade." A planta é conhecida hoje também pelo nome de falso jaborandi, devido a sua atuação eficaz contra a queda de cabelos. Ela contém taninos que desencadeiam atividade adstringente.



Foca Lisboa/UFMG

Trabalho coordenado por Maria das Graças recuperou dados de 371 plantas descritas por Frei Vellozo no século 18

A *Eryngium pristis* foi denominada por Vellozo como "língua de tucano", e a descrição que fez dela dava conta de que sua preparação era usada como gargarejo na inflamação da garganta. Trata-se de uma espécie nativa pouco conhecida e usada hoje. "Não há estudos que comprovem ação anti-inflamatória", esclarece Maria das Graças, que fotografou a planta no Parque das Águas Santas, de São João del-Rei.

A pesquisadora ressalta que o naturalista trabalhou com a chamada informação primária, em um tempo "em que as pessoas usavam as plantas, ainda havia as florestas e seus moradores, os índios".

A metodologia de trabalho de Maria das Graças Lins Brandão consistiu, inicialmente, em analisar a obra de Vellozo e traduzir o texto, originalmente escrito em latim, com a colaboração de Juliana de Paula-Souza, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), e do padre Lauro Palú, do Santuário Caraça. Na etapa seguinte, a pesquisadora desenvolveu extensa e minuciosa revisão das informações disponíveis, assinalando todas as plantas que continham alguma informação referente a nomes populares (indígenas, portugueses e brasileiros), a usos tradicionais e a cultivo em hortas e quintais, o que sugere alguma utilidade da planta.

"Aquelas que continham esses dados foram extraídas e organizadas em tabela. Conseguimos recuperar dados sobre 371 espécies, nativas e exóticas, presentes na obra. O passo seguinte foi atualizar os nomes científicos", informa Maria das Graças. Esse trabalho foi realizado pela botânica Juliana de Paula-Souza.

A etapa de trabalho de campo visou localizar e registrar, em Tiradentes e no

entorno, as plantas úteis e medicinais recuperadas na obra. Foram feitas excursões que possibilitaram localizar e capturar imagens atuais de diversas espécies. Parte dos trabalhos contou com a colaboração de Luiz Cruz, conhecedor da flora local. Outras expedições foram apoiadas pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) de São João del-Rei. Imagens de dezenas de plantas foram obtidas tanto no município de Tiradentes quanto nas serras de São José e dos Lenheiros.

Presença regional

Outra etapa do trabalho tem sido realizada nas escolas das redes estadual e municipal da região, utilizando materiais didáticos e de divulgação científica sobre plantas medicinais desenvolvidos anteriormente pelo Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas (Ceplamt) da UFMG, criado há mais de uma década por Graça Lins Brandão. O material inclui publicações, documentários, aulas em CDs e um kit de laboratório, com o qual é possível executar testes simples para identificação dos princípios ativos das plantas.

Em reuniões com os órgãos municipais e estadual de educação, no fim de 2017, foram planejadas ações conjuntas, como treinamento de professores para conhecer os aspectos técnico-científicos das plantas medicinais, a fim de enriquecer o ensino de ciências. Desde então, já foram realizadas oficinas e visitas às escolas, com o objetivo de conhecer as condições de trabalho dos professores e verificar a existência de infraestrutura, como laboratório e horta, para programação de atividades locais.

A pesquisadora relata o grande interesse e a participação dos estudantes nas atividades, "especialmente naquelas relacionadas à manipulação de vidrarias e outros materiais de laboratório". Segundo ela, o conjunto de informações, antigas e atuais, obtido durante a pesquisa subsidiará a preparação de novos materiais que serão distribuídos nas escolas. Também está prevista, para julho deste ano, montagem de exposição, acompanhada de oficinas sobre plantas medicinais, nas dependências do Museu Casa Padre Toledo, no Campus Cultural UFMG em Tiradentes.

A obra *Florae Fluminensis*, escrita por encomenda do vice-rei do Brasil, Luís de Vasconcelos e Sousa, só foi publicada de 1825 a 1831, após a morte do autor. "A trajetória do Frei Vellozo é muito similar à dos cientistas brasileiros dos dias atuais, que convivem com a retirada de financiamento e com a falta de reconhecimento do valor do seu trabalho", compara Maria das Graças.

De acordo com biógrafos de Vellozo, depois de alguns revezes em sua carreira, que incluem promessas oficiais não cumpridas, ida a Portugal e retorno ao Brasil, os originais do trabalho ficaram desaparecidos até 1824. A obra foi impressa por ordem do imperador Pedro I, que vislumbrou na divulgação do trabalho de um naturalista brasileiro uma forma de afirmação da nova nação.

Tendo saído de Minas Gerais para o Rio de Janeiro aos 20 anos, para seguir carreira eclesiástica, Frei Vellozo também conviveu com índios, em São Paulo. Maria das Graças acredita que ele incorporou à obra conhecimentos adquiridos na infância, na região de Tiradentes. Frei Vellozo morreu no Rio de Janeiro, em 1811.



Ewerton Martins Ribeiro/UFMG

Rua de Tiradentes, onde a UFMG desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão

Base em Tiradentes

O Campus Cultural UFMG em Tiradentes foi criado em 2011 com o objetivo de fomentar, na cidade, projetos de ensino, pesquisa e extensão e oferecer suporte a projetos desenvolvidos em cooperação com outras instituições públicas ou privadas da região. Com foco nos campos da arte e da cultura, as atividades desenvolvidas ali estão subordinadas à Diretoria de Ação Cultural. Integram o campus o Museu Casa Padre Toledo, a Casa de Cultura da UFMG, a Biblioteca e o Centro de Estudos do Campus Cultural – os dois últimos em fase de implementação.

Uma das diretrizes centrais do campus de Tiradentes é a abertura de espaços de interação da UFMG com a comunidade. Nesse sentido, sua gestão tem fomentado a realização de colóquios culturais, cursos de extensão, concursos e oficinas de formação nas escolas da rede pública da cidade. Também são recorrentes as parcerias entre o campus e os diversos festivais e mostras realizados em Tiradentes.

Atenção **FRAGILIZADA**

Pesquisa da Escola de Enfermagem revela deficiências estruturais no cuidado a mulheres vítimas de violência

Rosânia Felipe e Sílvio Prado

A violência doméstica, que resulta em lesões, traumas e morte, é considerada um problema de saúde pública. Cerca de 70% dos agressores são parceiros ou ex-parceiros. E a proteção e a assistência efetiva às mulheres que sofrem a Violência Perpetrada por Parceiro Íntimo (VPI) – agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores – dependem muito das redes sociais de acolhimento, que ainda apresentam fragilidades.

O tema foi investigado em pesquisa de doutorado de autoria da enfermeira e professora Walquiria Jesusmara dos Santos, que defendeu sua tese no mês passado, na Escola de Enfermagem. Ela analisou a configuração e a dinâmica das redes sociais primárias e secundárias e o apoio oferecido por elas, sob a ótica das mulheres, em Belo Horizonte (MG).



Ulrike Mai / Pixabay / CC0 Creative Commons

Desarticulação dos serviços pode comprometer assistência às mulheres que sofrem violência doméstica

Walquiria encontrou desarticulação entre os serviços da rede, despreparo profissional para o acolhimento e falhas na capacidade de resolução. A análise dos resultados referentes à rede secundária de atendimento à mulher em situação de violência demonstrou "fragmentação", ou seja, divisão de tarefas prejudicial à atenção. "A desarticulação da rede institucional e o despreparo profissional em alguns setores podem afastar as usuárias ou mantê-las, de alguma forma, em situação de submissão, agora imposta pela instituição", explica a pesquisadora.

Dos 20 aos 62 anos

Walquiria dos Santos entrevistou 29 mulheres que sofreram pelo menos um episódio de VPI em algum momento da vida. Segundo ela, como se trata de pesquisa qualitativa, o material coletado em campo deve ser analisado até a saturação de dados, ou seja, o importante é a qualidade dos dados extraídos das entrevistas, e não necessariamente o número de mulheres entrevistadas. As participantes tinham entre 20 e 62 anos de idade, com predomínio da faixa etária de 30 a 49 anos (23 entrevistadas).

Todas as entrevistadas tinham filhos (de um a cinco), e 15 estavam separadas do parceiro no momento em que se deu a entrevista. O nível de escolaridade varia do ensino fundamental incompleto à pós-graduação, com predomínio do fundamental (completo ou incompleto). As mulheres declararam renda familiar de um a mais de cinco salários mínimos; 23 se declararam de raça negra, e o mesmo número de mulheres disse seguir alguma religião (12 delas são evangélicas). Doze estavam usando medicamentos controlados. "Os dados sociodemográficos revelam que há grande variabilidade na faixa etária, escolaridade e renda das mulheres entrevistadas, compatível com o perfil das mulheres brasileiras em situação de violência", acrescenta a enfermeira.

De acordo com Walquiria dos Santos, a desarticulação entre os serviços da rede, que pode prejudicar a continuidade da assistência, é um dos principais motivos de descontentamento. As entrevistadas também relataram situações que mostram falta de humanização no atendimento e dificuldades para encontrar soluções, com interações que não encorajam a confiança, que não as protegem, que as expõem e as fragilizam ainda mais.

O estudo também revelou potencialidades dos serviços de atendimento às mulheres em situação de violência. Algumas narrativas mostram valorização da assistência recebida na rede, o que tem impacto positivo no fortalecimento das mulheres, fator crucial para a ruptura da situação de violência.

"Nas entrevistas, o Centro de Referência e Atendimento à Mulher destacou-se pelo acolhimento e pela formação de vínculos que as mulheres podem estabelecer com os profissionais. O centro, municipal, funciona como articulador dos serviços da rede, e suas ações visam contribuir para o fortalecimento da mulher em situação de violência na busca pela cidadania, por meio de acompanhamento permanente", comenta Walquiria.

Fenômeno multidimensional

O estudo conclui que a violência doméstica contra as mulheres é um fenômeno complexo e de caráter multidimensional, e as demandas delas são diversificadas, o que torna necessária a atuação conjunta de diversas áreas – social, jurídica, trabalhista, de segurança pública, de saúde e de educação. "Reconhecer as necessidades dessas mulheres é primordial para a organização da atenção e para mudanças nas práticas de atenção nos serviços da rede de enfrentamento", afirma a pesquisadora.

Walquiria ressalta, ainda, que os serviços de saúde devem atuar de forma mais eficiente na detecção de situações de violência e ser mais ativos na articulação com os demais setores. "É imprescindível estabelecer comunicação efetiva entre os serviços, com a definição de fluxos e responsabilidades, além de um olhar interdisciplinar e transversal por parte de todos os serviços e profissionais envolvidos", enfatiza. "Mapear as redes sociais das mulheres em situação de violência pode ser uma estratégia privilegiada para a identificação das formas de mediação existentes, de maneira a favorecer a proposição e o planejamento de políticas públicas específicas", conclui Walquiria Jesusmara dos Santos.

[Versão ampliada desta matéria foi publicada no Portal UFMG, no dia 29 de março]

Tese: *Redes sociais na experiência de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo*
Autora: Walquiria Jesusmara dos Santos
Orientadora: Maria Imaculada de Fátima Freitas
Defesa: 19 de março de 2018, no Programa de Pós-graduação em Enfermagem

BIBLIOTECA DE BABEL

Até 11 de maio, está aberta à visitação, no quarto andar da Biblioteca Central da UFMG, a exposição *Alguns volumes da Biblioteca de Babel*. A ideia de uma biblioteca que pudesse reunir todos os livros que existem e os que ainda poderão existir é o ponto de partida da iniciativa. O título é uma alusão ao conto do escritor argentino Jorge Luis Borges que narra uma realidade em que o mundo é constituído por uma biblioteca infindável.

Alguns dos livros de artista presentes na exposição representam um pequeno catálogo de uma coleção particular, outros funcionam como inventário de livros desejados. Entre as obras expostas, está um fac-símile do famoso *Catálogo do Conde de Fortsas*, em que estão registrados livros que não existem, mas que foram anunciados em um disputado leilão na Bélgica no século 19.

Durante o período da exposição, um grupo de bolsistas acompanhará os visitantes, que poderão manusear os livros e conversar sobre as obras, em horários que podem ser agendados pelo e-mail colesp@bu.ufmg.br ou pelo telefone (31) 3409-4615.

JOVENS TALENTOS

A competição Green Talents, realizada pelo Ministério Federal da Educação e Pesquisa da Alemanha (BMBF), recebe, até 23 de maio, inscrições de jovens pesquisadores. O concurso tem o objetivo de promover o intercâmbio internacional de projetos de pesquisa inovadores nas áreas de sustentabilidade e meio ambiente. O prêmio contempla, anualmente, 25 jovens pesquisadores.

Os vencedores, de vários países e disciplinas científicas, ganham acesso exclusivo aos principais centros de pesquisa em desenvolvimento sustentável da Alemanha. Desde a sua criação, em 2009, o prêmio reconheceu 207 jovens pesquisadores e cientistas de 57 países.

A premiação de 2018 inclui convite para participação em fórum científico, com duração de duas semanas e todas as despesas pagas; oportunidade para apresentar os trabalhos pessoalmente, por meio de reuniões individuais com os especialistas que o candidato escolher, para discutir oportunidades futuras de pesquisa e cooperação; período de até três meses para pesquisa totalmente financiada, na instituição da escolha do vencedor. Mais informações estão disponíveis na página *www.greentalents.de*.



Foca Lisboa/UFMG

Tanque de lodo em centro de pesquisa da UFMG e da Copasa

LODO PARA AGRICULTURA

Possibilidades e inovações no aproveitamento da biomassa na agricultura serão debatidas durante o seminário internacional *Uso de lodo de esgoto nos solos*, nos dias 9 e 10 de maio, na Escola de Engenharia, campus Pampulha. O evento vai reunir pesquisadores brasileiros e estrangeiros, produtores, estudantes, representantes de governos e de empresas de saneamento.

A iniciativa é do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) ETEs Sustentáveis, sediado na UFMG, em parceria com a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes-MG). As inscrições devem ser feitas no site *www.etes-sustentaveis.org.*

PRÊMIO FERNÃO MENDES PINTO

Estão abertas as inscrições para o Prêmio Fernão Mendes Pinto 2018, da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). Atribuído anualmente, o prêmio de oito mil euros visa reconhecer dissertação de mestrado ou tese de doutorado que contribua para a aproximação das comunidades de língua portuguesa, explicitando relações entre, pelo menos, dois países.

As candidaturas podem ser apresentadas até 31 de julho. O regulamento, a lista de perguntas frequentes e a forma de inscrição podem ser consultados no site do prêmio: *http://aulp.org/node/114946*.

ENSINO-APRENDIZAGEM

Os interessados em ministrar oficinas no 4º Congresso de Inovação e Metodologias no Ensino Superior podem inscrever propostas até 22 de abril. Serão selecionados 22 trabalhos: seis para atividades semipresenciais planejadas para setembro deste ano e 16 para oficinas presenciais, programadas para abril de 2019. As informações sobre inscrições, eixos temáticos, modalidades, oferta e duração das oficinas estão disponíveis no edital: *https://bit.ly/2GPKzVe.*

Organizado pela Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino (GIZ), vinculada à Pró-reitoria de Graduação, o congresso discutirá as implicações das tecnologias digitais e sua incidência nos processos de ensino-aprendizagem. Mais informações sobre o evento podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-6451.

GÊNEROS TEXTUAIS

Sequências didáticas desenvolvidas em turmas de alfabetização em uma escola pública, relacionadas a leitura e escrita de gêneros textuais, serão abordadas em palestra no próximo dia 24, pela professora Valéria Resende, da Faculdade de Educação (FaE), no evento Ceale Debate. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas por meio de preenchimento do formulário disponível na internet: *http://bit.ly/cealedebate2404*.

O evento será realizado das 19h30 às 21h30, no auditório Neidson Rodrigues, da FaE. A professora pretende mostrar que, no processo de ensino de um gênero textual, a criança precisa compreender a sua estrutura composicional e sua função social, "para então produzi-lo na escola e fora dela". Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail cealedebate@gmail.com e pelo telefone (31) 3409-5334.

GRINGO na **BALADA**

Editora UFMG publica coletânea com relatos de estrangeiros que visitaram Minas Gerais no século 19. Entre uma pesquisa e outra, eles participaram de festas e escreveram sobre elas

Ewerton Martins Ribeiro

Na história da humanidade, há uma particular ligação entre escrita e viagem. A experiência da terra estrangeira, em razão do contato com a alteridade que proporciona, parece ter fomentado, ao longo da história, o ímpeto da escrita: registramos a experiência como forma de apreender o novo; tentamos, por meio desse registro, dar conta daquilo que de início nos escapa à compreensão.

Sob a coordenação de Léa Freitas Perez, professora do Departamento de Sociologia da Fafich, os pesquisadores Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins e Rafael Barros Gomes coligiram relatos de viajantes estrangeiros sobre as suas experiências em Minas Gerais, no decorrer do século 19, com foco nas percepções que tiveram sobre os momentos festivos com os quais depararam ao longo de suas itinerâncias pelo território mineiro. "Fomos motivados pela total ausência, na literatura sobre os viajantes, de uma visada sobre a festa", escrevem Marcos e Ana Paula na apresentação do volume. "Existem estudos sobre como os viajantes observaram os vários aspectos da sociedade e da vida entre nós – por exemplo, a escravidão e as mulheres –, mas havia um silêncio no que tange aos aspectos festivos."

Intitulado *Festas & viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações*, o livro tem acabamento luxuoso com capa dura e título em relevo. Cada viajante é apresentado por meio de breve biografia, acrescida da lista de suas obras de onde foram extraídas as citações. Em seguida, elas são organizadas por obra, o que possibilita que o livro seja consultado conforme o interesse do leitor, dispensando a linearidade em sua leitura.

Império das festas

Os organizadores do volume explicam que, naquela época, as viagens tinham teor, sobretudo, científico. Paralelamente, vivia-se, em Minas Gerais, uma espécie de "império das festas". Segundo os pesquisadores, "o trabalho de análise da literatura de viagem seguiu nos moldes de uma arqueologia e de uma cartografia, trazendo à tona, em meio às múltiplas camadas de descrições a respeito da geografia local, da diversidade biológica e dos recursos minerais, o rico calendário festivo que engendrava essa sociedade".

Para a composição do volume, foram analisadas 21 obras de 17 viajantes estrangeiros de diferentes nacionalidades, que passaram por Minas Gerais em algum momento do século 19 – entre eles, o célebre naturalista e botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). Seus relatos, produzidos em diferentes momentos dos seis anos vividos no Brasil, a partir de 1816, combinam o clássico diário de campo com reflexões pessoais e pesquisa histórica.

Os organizadores classificaram as festas com base na percepção dos viajantes, totalizando 10 modalidades: religiosas (missas, procissões, romarias, cavalhadas e celebrações), cívicas (celebrações ao poder político constituído), públicas (carnaval e ano-novo), domésticas (batizados, casamentos e jantares), negras (alforria, coroação, entre outras), indígenas (colheitas, danças e funerais), divertimentos públicos (jogos, teatro e fandangos), divertimentos domésticos (bailes, saraus e almoços), hospitalidade (eventos de acolhimento, gentileza, polidez e despedida) e suspensão do trabalho (lazer, dia de descanso e momento de liberdade para os negros).



Reprodução

Cardápio de jantar organizado em Barbacena no fim do século 19

Em Ouro Branco

"Era dia de festa, e os habitantes da vizinhança se dirigiam em grande número para a igreja. Todos estavam vestidos com limpeza: as mulheres traziam vestidos brancos, uma espécie de jaquetão de pano e um chapéu de feltro, mas as pernas e pés estavam nus. Quase todos os que encontrávamos, homens e mulheres, brancos e gente de cor, tinham um grande bócio, e, nesse local assim como nos vales da Europa em que essa enfermidade é comum, se atribui à frialdade das águas."

Livro: *Festas & viajantes em Minas Gerais no século XIX: compêndio de citações*

Coordenação: Léa Freitas Perez

Organização: Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins e Rafael Barros Gomes

Editora UFMG

286 páginas / R$ 60

EXPEDIENTE

Reitora: Sandra Goulart Almeida – Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira – Diretora de Divulgação e Comunicação Social: Maria Céres Pimenta Spínola Castro – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Romero Morais – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4,6 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901,Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: *http://www.ufmg.br* e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

Carta
9912388766/2015DRMG
UFMG
Correios